

O DIÁLOGO DE CALVINO COM HERMES-MERCÚRIO EM AS CIDADES INVISÍVEIS

Glauca Muniz Proença Lara^{*}

Universidade Federal de Minas Gerais

Maria Magda de Lima Santiago^{**}

Centro Universitário UNA/ Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: Este trabalho apresenta a análise do discurso de cinco narrativas do livro *As cidades invisíveis*, de Ítalo Calvino, que, reunidas sob o título *As cidades e as trocas*, descrevem as cidades de *Eufêmia*, *Cloé*, *Eutrópia*, *Ercília* e *Esmeraldina*. O livro apresenta onze títulos, que nomeiam cinco narrativas cada um. No grupo escolhido, identificamos a presença da mitologia, na figura do deus Hermes, Mercúrio ou Thoth, do sincretismo greco-romano-egípcio, por quem Calvino declarou seu interesse mais de uma vez. Essa referência, explícita no discurso de *Esmeraldina* e *Eutrópia* e implícita em *Eufêmia*, *Cloé* e *Ercília*, despertou nosso interesse em investigar como o discurso estabelece ligações com *Mercúrio* – considerado, entre outras coisas, o deus das estradas, do comércio, da comunicação, da transformação e das trocas; e, como ele é nomeado por Calvino em *Eutrópia*: o “deus dos volúveis”. Por meio do exame dos temas, figuras e isotopias, conceitos mobilizados pela semiótica francesa (ou greimasiana), e de sua articulação com a noção de *interdiscurso*, oriunda da análise do discurso francesa (AD), buscamos verificar o diálogo que se instaura entre o discurso literário e o discurso mítico. Alguns dos princípios apresentados na *Tábua esmeraldina* – texto supostamente atribuído a *Hermes* e que nomeia uma das cidades – auxiliaram-nos a confirmar esse diálogo interdiscursivo que é trazido para o fio do discurso de Calvino (o intradiscurso) e que se mostra compatível com a recorrência de certos temas extraídos do referido grupo de narrativas. As análises também possibilitaram associações com o conceito de *rizoma*, proposto por Guattari & Rolnik, que é figurativizado por Calvino nas descrições de linhas e formas, indicando que a obra dialoga tanto com o *antigo* quanto com o *contemporâneo*, trafegando entre a memória e a mobilidade de reconfigurações de valores e comportamentos.

Palavras-chave: Análise do discurso. Semiótica francesa. Literatura. *As Cidades Invisíveis*.



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

^{*} Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (1999). Professora da Faculdade de Letras/UFMG, onde atua na graduação e na pós-graduação (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos) na área de estudos do texto/do discurso. E-mail: gimplara@gmail.com.

^{**} Doutoranda em Análise do Discurso, POSLIN /FALE/UFMG, onde concluiu o mestrado, em 2008. Professora e pesquisadora em projetos de extensão e pós-graduação do Instituto de Comunicação e Artes do Centro Universitário UNA, em Belo Horizonte. E-mail: maria.lima@prof.una.br.

Hermes Trismegisto.

Introdução

As cidades e as trocas, título que nomeia cinco narrativas do livro *As cidades invisíveis*¹, de Ítalo Calvino, foi o conjunto escolhido como objeto de análise, neste trabalho, por apresentar um diálogo (explícito ou não) com o discurso da mitologia. O acesso ao deus Mercúrio (romano) ou Hermes Trismegisto (grego) – tomados como equivalentes – instigou-nos a observar como esse diálogo se manifesta no discurso, sua relação com os *percursos temático-figurativos* (semânticos) e a construção de sentido proposta, extraída das *isotopias* (ou planos de leitura) dos textos elencados.

Entre as 55 descrições de cidades presentes no livro, que são intercaladas por diálogos entre Marco Pólo e Kublai Khan, o grupo *As cidades e as trocas* apresenta uma recorrência de isotopias em oposição, cujos temas sugerem ligações com um dos textos supostamente atribuídos a Hermes Trismegisto: a *Tábua esmeraldina*, um conjunto de princípios com termos duais. Chegamos a essa referência ao pesquisar o significado dos nomes das cidades incluídas nesse grupo, sendo *Esmeraldina* a cidade descrita em *As cidades e as trocas* 5.

Em *Seis propostas para o próximo milênio*, Calvino (2005), ao tratar da *rapidez*, afirma que os temas abordados nas duas primeiras conferências (*leveza e rapidez*) são uma espécie de tributo especial que ele rende a “Hermes-Mercúrio”: “o deus da comunicação e das mediações, que sob o nome de Toth inventou a escrita e que, segundo nos informa Jung em seus estudos sobre a simbologia alquímica, representa como ‘espírito Mercúrio’ também o *principium individuationis*” (CALVINO, 2005, p. 64). Ironicamente, nas narrativas analisadas o coletivo opõe-se ao individual. Calvino nos mostra que Mercúrio também é associado ao ciclo da vida: “por parte de mãe Mercúrio descende de Urano, cujo reino é o do tempo ‘ciclofrênico’, da continuidade indiferenciada” (CALVINO, 2005, p. 66), o que nos remete ao movimento ininterrupto, ou contínuo, dos personagens nas descrições analisadas, dentro de um plano de leitura da *mobilidade*, presente em todas elas.

Para as análises, utilizamos conceitos pertencentes ao nível discursivo (componente semântico) do percurso gerativo de sentido, proposto por A. J. Greimas no âmbito da semiótica francesa. Buscamos identificar os *temas* e as *figuras* – que se encadeiam em

¹ As análises das narrativas sobre *Eutrópia* e *Esmeraldina*, reescritas para este trabalho, foram apresentadas na dissertação de mestrado *Aspectos da subjetividade contemporânea na análise de temas, figuras e isotopias do livro As cidades invisíveis, de Ítalo Calvino* (2008), de autoria e orientação das autoras deste artigo. A primeira versão da análise de *Eutrópia* foi apresentada no VI Sevfale, FALE/UFMG, em 2007. A análise de *Esmeraldina*, sob o ponto de vista do espaço, foi publicada na revista *Caligrama*, v. 17, n.1 (1º sem. 2012).

percursos temático-figurativos (ou semânticos) – e as *isotopias* (ou planos de leitura), com base, principalmente, em Fiorin (2005, 2008), Lara (2004) e Lara & Matte (2009). A abundante figurativização de trajetos e traçados nos textos selecionados permitiu-nos associações com o conceito contemporâneo de *rizoma*, proposto por Guattari & Rolnik (2005), que difere do *diagrama arborescente*, ligado às *territorializações de sentido*, o que nos levou a procurar identificar se aspectos do coletivo contemporâneo são contemplados nas narrativas.

Buscando aproximar a teoria semiótica da análise do discurso francesa (AD), tomamos o conceito de *interdiscurso* (entendido como um “espaço de troca” entre vários discursos), a partir dos trabalhos de Pêcheux (2009) e Orlandi (2005), e passamos à observação das relações entre os temas encontrados e os princípios contidos na *Tábua esmeraldina*, de modo a confirmar o diálogo interdiscursivo entre literatura e mitologia e a mostrar como esse diálogo é trazido para o fio do discurso de Calvino (o intradiscurso). Procuramos, principalmente, verificar se e como as narrativas tratam do contemporâneo, a partir de um diálogo (explícito ou não) com o mítico, que associa características de Mercúrio aos comportamentos/valores dos personagens, num olhar sobre um coletivo em constante mobilidade, física e mental, como se revelará, afinal, o discurso de *As cidades e as trocas*.

As cidades invisíveis e Hermes-Mercúrio

As cidades invisíveis teve sua primeira edição em 1972. Trata-se de um conjunto de descrições de cidades, intercaladas por diálogos entre Kublai Khan – conquistador mongol e imperador dos tártaros – e Marco Pólo, mercador europeu, veneziano, que relatou àquele suas viagens ao império mongol, no início do século XIV, e que é retomado por Calvino, no livro em questão, como o viajante que melhor descreve as cidades do império ao Grande Khan.

Cada relato refere-se a uma cidade de nome feminino (nome este indicado nos primeiros parágrafos e não no título), lugar que o viajante Marco Pólo *apresenta* ao imperador Kublai Khan. Essas descrições, entremeadas por trechos com ou sem diálogo (passagens que iniciam e finalizam cada parte), são numeradas na ordem em que aparecem dentro de cada grupo de títulos, como “*As cidades e as trocas 3*” e “*As cidades e as trocas 2*”. Os onze títulos, que nomeiam cinco narrativas cada um, são: *As cidades e a memória*, *As cidades e o desejo*, *As cidades e os símbolos*, *As cidades delgadas*, *As cidades e as trocas*, *As cidades e os olhos*, *As cidades e o nome*, *As cidades e os mortos*, *As cidades e o céu*, *As cidades contínuas*, *As cidades ocultas*.

Em *Seis propostas para o próximo milênio*, editado após sua morte, Calvino referiu-se à cidade como um símbolo complexo, “que me permitiu maiores possibilidades de exprimir a tensão entre a racionalidade geométrica e o emaranhado das existências humanas”, declarando que o livro *As cidades invisíveis* “continua sendo para mim aquele em que penso haver dito mais coisas, será talvez porque tenha conseguido concentrar em um único símbolo todas as minhas reflexões, experiências e conjecturas” (CALVINO, 2005, p. 85).

A partir do nome *Esmeraldina*, de uma das narrativas, chegamos à *Tábua-esmeraldina*, um dos 42 livros atribuídos a Hermes Trismegisto, considerado a representação do poder intelectual, o deus egípcio Toth e o pai da hermenêutica. “Referências a ele existem desde os tempos de Platão, por volta do ano 400 a.C”². Hermes, a quem se atribui textos sobre várias disciplinas, é conhecido como o patrono de todas as ciências, o deus das estradas, guardião dos caminhos e protetor dos viajantes (BRANDÃO, 1993, p. 549). De acordo com Carvalho³, “Hermes revela (...) um sentido contestador frente a uma aristocracia olímpica que se distancia dos humanos, dos semi-deuses e mesmo dos deuses menores. Numa sociedade estratificada, o Cosmos é estratificado”.

No mundo greco-latino, sobretudo em Roma, com os gnósticos e neoplatônicos, *Hermes Trismegisto* se converteu num deus muito importante, cujo poder varou séculos. Na realidade, *Hermes Trismegisto* resultou de um sincretismo (...) com o Mercúrio latino e com o deus ‘ctônio’ egípcio Tot (...) patrono, na Época Helenística, de todas as ciências, sobretudo porque teria criado o mundo por meio do *lógos*, da palavra (BRANDÃO, 1993, p. 552).

Segundo a lenda⁴, os preceitos de Hermes foram gravados numa esmeralda, originando o nome *Tábua esmeralda*, *Tábua-esmeraldina* ou *Tabula smaragdina*. Observando os sete princípios herméticos descritos na Tábua esmeraldina (Quadro 3, apresentado após as análises), tecemos comparações com os percursos semânticos e planos de leitura encontrados nas narrativas analisadas para confirmar o diálogo com esse texto.

A semiótica francesa e sua articulação com a AD

Como foi dito na introdução, para analisar os textos selecionados, utilizamos as noções de *tema*, *figura* e *isotopia* propostas pela semiótica francesa, com base em Fiorin (2005; 2008), Lara (2004) e Lara & Matte (2009), entre outros autores, articulando-as, num segundo momento, com a noção de *interdiscurso*, tal como foi apresentada por Pêcheux

² Disponível em: http://www.cdcc.sc.usp.br/ciencia/artigos/art_25/alquimia.html. Acesso em: 20 out. 2014.

³ CARVALHO, Silvia M. S. *Comentários antropológicos ao hino homérico a Hermes*.

Disponível em: www.oocities.org/textosbec/carvalho.doc+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 20 out. 2014.

⁴ Disponível em: http://www.cdcc.sc.usp.br/ciencia/artigos/art_25/alquimia.html. Acesso em: 20 out. 2014.

(2009) – e reapresentada por Orlandi (2005) – no âmbito da análise do discurso francesa (AD). Nessa perspectiva, acreditamos que, não obstante suas especificidades e diferenças, essas duas teorias, na medida em que se debruçam sobre o mesmo objeto – o discurso e sua materialização no texto – podem ser utilizadas de forma complementar.

A semiótica francesa (também chamada de semiótica do discurso ou semiótica greimasiana) foi criada na década de 1970 por A. J. Greimas, sendo definida pelo próprio Greimas como uma “teoria da significação. Sua preocupação primeira será explicitar, na forma de uma construção conceitual, as condições da apreensão e da produção de sentido” (HÉNAULT, 2006, p. 153).

Segundo Fiorin (2008), para a semiótica francesa o texto se constitui pela junção de um plano de conteúdo (o do discurso) com um plano de expressão (a linguagem ou as linguagens – verbal, visual, sonora etc. – que veicula(m) o conteúdo), plano esse de que não nos ocuparemos aqui. No plano de conteúdo, vamos nos ater ao *componente semântico do nível discursivo*, tendo em vista que os três níveis do percurso gerativo⁵ se completam, mas podem ser estudados separadamente. O nível discursivo – em que pretendemos identificar os *temas, as figuras e as isotopias*, que serão descritos a seguir – é assim definido por Lara (2004, p. 73):

As estruturas discursivas constituem o lugar, por excelência, de desvelamento da enunciação e de manifestação dos valores sobre os quais está assentado o texto. Nessa etapa, os esquemas narrativos são assumidos pelo sujeito da enunciação, que os converte em discurso e nele deixa “marcas”.

Em linhas gerais, figuras são termos que remetem ao mundo natural, enquanto temas são categorias que organizam, ordenam os elementos do mundo natural, sendo, pois, investimentos semânticos, de caráter puramente conceptual (FIORIN, 2005, p. 65). Por exemplo, podemos associar as figuras *pontes, ruas e caminhos* ao tema dos *trajetos*. A tematização e a figurativização conferem ao discurso coerência semântica, produzindo efeitos de realidade e garantindo, assim, a relação entre mundo e discurso, como explica Lara (2004, p. 97). Considerando que num texto predominantemente figurativo, como é o caso das narrativas analisadas, temos, subjacentes às figuras, os temas que as “iluminam”, que lhes dão sentido, referir-nos-emos aos percursos em que essas categorias se encadeiam como *percursos*

⁵ O percurso gerativo de sentido, formulado por Greimas para o estudo do plano de conteúdo, é composto por três níveis: o *fundamental*, que “organiza uma estrutura elementar que é uma oposição semântica” tal que a *versus b*; o *narrativo*, “nível actancial, que envolve a relação dos sujeitos com os objetos e com outros sujeitos”; e o *discursivo*, “nível temporal e espacial, da tematização e da figurativização (...)” (LARA; MATTE, 2009, p. 21-20).

temático-figurativos ou como percursos semânticos simplesmente, seguindo, nesse caso, a terminologia proposta por Faria (2001). Como explica Fiorin (2005, p. 106),

Para achar o tema que dá sentido às figuras ou o tema geral que unifica os temas disseminados num discurso temático, é preciso apreender os encadeamentos das figuras ou dos temas, ou seja, os percursos figurativos ou temáticos (...) o nível dos temas e das figuras é o lugar privilegiado da manifestação da ideologia. Com efeito, não é nos níveis mais abstratos do percurso gerativo que se manifesta, com plenitude e nitidez, a ideologia, mas na concretização dos valores semânticos.

A *isotopia*, por sua vez, pode ser tomada como um plano de leitura, ou seja, como um modo de ler determinado pelo discurso, a partir do encadeamento dos temas e figuras (percursos), das denotações e conotações e de outros recursos discursivos. Para Bertrand (2003, p. 190), “a coerência de um texto assenta, de início, em uma suposição de isotopia. A leitura consiste em antecipar-lhe a existência e em atualizar, nos encadeamentos e elipses do texto, os elementos sêmicos que serão compatíveis com ela”. No caso de algumas das narrativas analisadas neste trabalho, que apresentam termos em oposição, o leitor é orientado a mudar o plano de leitura, concebendo um novo sentido, ao invés de confirmar uma primeira suposição. Bertrand discorre sobre as *isotopias figurativas*: “que concernem, antes de mais nada, aos atores, ao espaço e ao tempo, no desenvolvimento de uma narrativa, por exemplo – serão distinguidas das isotopias *temáticas*, mais abstratas, e estabelecidas pela leitura a partir da superfície figurativa” (BERTRAND, 2003, p. 188).

Já no âmbito da AD, o conceito de *interdiscurso*, proposto por Pêcheux, é por nós aplicado aos discursos acessados pelo *intradiscurso*, ou seja, o texto objeto de estudo. Os diversos discursos que compõem o *interdiscurso*, ligado ao conhecimento coletivo, ao contexto e à cultura, têm seu sentido atrelado às formações discursivas e ideológicas dominantes. O *interdiscurso* é um discurso contextual, presente na memória discursiva; como esclarece Orlandi (2005, p. 11), é “o já-dito que torna possível todo o dizer”.

As formações ideológicas são materializadas nas/pelas formações discursivas, caracterizando o saber discursivo. O *intradiscurso*, no caso o discurso em análise, sempre estabelece relações que confirmam ou negam, em maior ou menor grau, algum outro discurso, numa *articulação* que “constitui o sujeito em sua relação com o sentido” (PÊCHEUX, 2009, p. 151), o que permite desvendar as formações ideológicas presentes.

Os diagramas em rizoma

Para Guattari e Rolnik (2005), *árvore* e *rizoma* são conceitos relativos ao processo de percepção, que representam o movimento de conformação de valores e ideias. A *árvore* é a

organização e o *rizoma*, a diversidade, a diferença. O movimento que se relaciona à apreensão e à organização de conceitos/conduas estabelece-se como uma estrutura *arborescente*, representando a canalização dos fluxos heterogêneos que habitavam o plano da imanência ou da consistência, cuja estrutura é *rizomática*. Como afirmam os autores,

Os diagramas arborescentes procedem por hierarquias sucessivas, a partir de um ponto central ao qual remete cada elemento local. Os sistemas em rizoma ou *em treliça*, ao contrário, podem derivar infinitamente, estabelecer conexões transversais sem que se possa centrá-los ou cercá-los (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 387-388).

Associamos as descrições de Calvino ao *rizoma* pela figurativização de traçados e formas, sem hierarquias, referentes aos espaços/trajetos das cidades, e também pela mobilidade espacial do coletivo, num contexto que nos parece em disjunção com conformações de sentido, cristalizações nas ideias e concepções ou *territorializações*⁶ (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 388).

As análises e seus resultados

As Cidades e as Trocas 1 – Eufêmia

A oitenta milhas de distância contra o vento noroeste, atinge-se a cidade de Eufêmia, onde os mercadores de sete nações convergem em todos os solstícios e equinócios. O barco que ali atraca com uma carga de gengibre e algodão, zarpará com a estiva cheia de pistaches e sementes de papoula, e a caravana que acabou de descarregar sacas de noz-moscada e uvas passas agora enfeixa as albardas para o retorno com rolos de musselina dourada. Mas o que leva a subir os rios e atravessar os desertos para vir até aqui não é apenas o comércio das mesmas mercadorias que se encontram em todos os bazares dentro e fora do império do Grande Khan, espalhadas pelo chão nas mesmas esteiras amarelas, à sombra dos mesmos mosquiteiros, oferecidas com os mesmos descontos enganosos. Não é apenas para comprar e vender que se vem a Eufêmia, mas também porque à noite, ao redor das fogueiras em torno do mercado, sentados em sacos ou em barris ou deitados em montes de tapetes, para cada palavra que se diz – como “lobo”, “irmã”, “tesouro escondido”, “batalha”, “sarna”, “amantes” – os outros contam uma história de lobos, de irmãs, de tesouros, de sarna, de amantes, de batalhas. E sabem que na longa viagem de retorno, quando, para permanecer acordados bambaleando no camelo ou no junco, puserem-se a pensar nas próprias recordações, o lobo terá se transformado num outro lobo, a irmã numa irmã diferente, a batalha em outras batalhas, ao retornar de Eufêmia, a cidade em que se troca de memória em todos os solstícios e equinócios. (CALVINO, 1994, p. 38-39).

Na descrição da cidade de Eufêmia destacam-se os percursos semânticos das viagens (oitenta milhas de distância, longa viagem de retorno, no camelo ou no junco), em espaços aquáticos ou terrestres, e do comércio, nas diversas mercadorias que se alternam dentro dos barcos/caravanas. O plano de leitura da mobilidade está explícito nas ações (convergem,

⁶ O território é, para os autores, sinônimo de apropriação: “Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos” (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 388).

atraca, zarpará, subir, atravessar), na regularidade dos deslocamentos (todos os solstícios e equinócios); e no comércio de inúmeros produtos que implica descarregar, enfeixar, comprar e vender.

O tema da diversidade (estiva cheia, rolos de musselina, montes de tapetes), relacionado à abundância de produtos, é reforçado por expressões que exaltam a variedade de espaços: contra o vento noroeste, sete nações, subir os rios e atravessar os desertos, longa viagem de retorno. A ele opõe-se o tema da repetição (mesmas mercadorias, mesmas esteiras, mesmos mosquiteiros, mesmos descontos enganosos). O discurso, entretanto, retoma a primeira impressão, e a rotina é compensada à noite pela roda de histórias – o outro motivo para as viagens, além do comércio. A diversidade, dessa vez, é de narrativas e autores, indicando as isotopias da heterogeneidade e da homogeneidade, que se alternam.

Os relatos no espaço ao redor da fogueira – a isotopia espacial atravessa todo o discurso nesta e nas demais análises – indicam a diversidade de construções de sentido, de pensamentos, apontando para o tema da subjetividade, ligado ao tema das trocas comunicacionais, atualizadas na memória – a essa última é atribuída fluidez, espelhando o movimento das viagens e do comércio. Assim, relaciona-se o plano de leitura da mobilidade tanto ao físico quanto ao mental e identifica-se o plano de leitura das trocas, referente não somente às mercadorias, mas também aos relatos, às experiências de vida – coerente com o título do grupo de narrativas em análise. O discurso admite a individuação, que ocorre no espaço mental de cada um, da memória, aludindo à heterogeneidade (diversidade), em meio à homogeneidade (repetição) de comportamentos no trabalho e no próprio lazer, o que remete à isotopia da coesão.

Na expressão descontos enganosos – única de cunho moralmente negativo que constrói o tema da repetição – identificamos um implícito (subentendido) que pode associar-se a Mercúrio, considerado, entre outros, o deus dos ladrões⁷. A mobilidade, plano de leitura identificado, relaciona-se a ele enquanto deus das estradas e ainda do comércio – percurso temático-figurativo presente na narrativa.

⁷ No hino homérico a Hermes, o herói aparece como irmão mais novo de Apolo (deus da luz, do pastoreio, do arco, da música e dos oráculos). Toda ação de Hermes descrita no hino é artimanha para conseguir que Zeus-pai o reconheça como igual ao irmão, famoso e temido por todos. Por isso, Hermes procura lograr Apolo. É essa característica de “enganador”, de “embusteiro”, que aproxima Hermes das entidades míticas dos nossos índios. A nossa figura “trickster” mais conhecida é Makunaíma, herói mítico dos Taurepang, Makuxi e Arekuná, de Roraima (CARVALHO, Silvia M.S. *Comentários antropológicos ao hino homérico a Hermes*). Disponível em: www.oocities.org/textossec/carvalho.doc+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 20 out. 2014.

As Cidades e as Trocas 2 – Cloé

Em Cloé, cidade grande, as pessoas que passam pelas ruas não se reconhecem. Quando se veem, imaginam mil coisas a respeito umas das outras, os encontros que poderiam ocorrer entre elas, as conversas, as surpresas, as carícias, as mordidas. Mas ninguém se cumprimenta, os olhares se cruzam por um segundo e depois se desviam, procuram outros olhares, não se fixam.

Passa uma moça balançando uma sombrinha apoiada no ombro, e um pouco das ancas, também. Passa uma mulher vestida de preto que demonstra toda a sua idade, com os olhos inquietos debaixo do véu e os lábios tremulantes. Passa um gigante tatuado; um homem jovem com os cabelos brancos; uma anã; duas gêmeas vestidas de coral. Corre alguma coisa entre eles, uma troca de olhares como se fossem linhas que ligam uma figura à outra e desenham flechas, estrelas, triângulos, até esgotar num instante todas as combinações possíveis, e outras personagens entram em cena: um cego com um guepardo na coleira, uma cortesã com um leque de penas de avestruz, um efebo, uma mulher-canhão. Assim, entre aqueles que por acaso procuram abrigo da chuva sob o pórtico, ou aglomeram-se sob uma tenda do bazar, ou param para ouvir a banda na praça, consumam-se encontros, seduções, abraços, orgias, sem que se troque uma palavra, sem que se toque um dedo, quase sem levantar os olhos.

Existe uma contínua vibração luxuriosa em Cloé, a mais casta das cidades. Se os homens e as mulheres comessem a viver os seus sonhos efêmeros, todos os fantasmas se tornariam reais e começaria uma história de perseguições, de ficções, de desentendimentos, de choques, de opressões, e o carrossel das fantasias teria fim. (CALVINO, 1994, p. 51-52).

A narrativa sobre Cloé tematiza a *rapidez* no trafegar, dentro do plano de leitura da *mobilidade*, (*passam, veem, cruzam, desviam, passa, corre*), que se opõe ao plano de leitura da *imobilidade*, identificado no percurso temático-figurativo da *superficialidade* das ligações sociais (*consumam-se encontros, seduções, abraços, orgias, sem que se troque uma palavra, sem que se toque um dedo, quase sem levantar os olhos*). A *mobilidade* está ligada ao transitar físico e ao mental (*contínua vibração*) e a *imobilidade* ao fato de que esses encontros não se materializam entre os habitantes: *ninguém se cumprimenta, os olhares se cruzam por um segundo e depois se desviam, procuram outros olhares, não se fixam*.

Aos encontros reais, caso os homens e as mulheres comessem a viver os seus sonhos efêmeros, são atribuídos conflitos, que instauram um percurso semântico ligado ao físico: começaria uma história de perseguições, de ficções, de desentendimentos, de choques, de opressões. Por outro lado está a luxúria, associada ao percurso semântico que se atrela ao mental, às fantasias (imaginam mil coisas a respeito umas das outras, os encontros que poderiam ocorrer entre elas, as conversas, as surpresas, as carícias, as mordidas). Assim, qualquer mudança, renovação ou troca se dá apenas no plano mental, que se opõe ao físico, dois temas do discurso. Essa associação pretere as relações reais e elege as relações imaginárias por meio de conotações negativas e positivas, respectivamente, tematizando a oposição entre o real (o conflito) e a fantasia (a luxúria), ou entre o físico e o mental.

Identifica-se também aqui a isotopia da coesão – as ações explícitas nos verbos referem-se a todos os habitantes, que apresentam o mesmo comportamento, sem exceções –

numa não individuação (*outras personagens entram em cena, não se reconhecem, entre aqueles que por acaso*). O comportamento coeso dos habitantes surpreende diante da variedade dos personagens descritos, numa espécie de ironia entre a homogeneidade (de comportamentos) e a heterogeneidade (de aspecto dos habitantes): *um gigante tatuado, um homem jovem com os cabelos brancos, uma anã, duas gêmeas vestidas de coral, um cego com um guepardo na coleira, uma cortesã com um leque de penas de avestruz, um efebo, uma mulher-canhão*.

O diálogo interdiscursivo com o conceito de *rede* ou *rizoma*, tal como o descrevem Guattari e Rolnik (2005), é abundantemente figurativizado no intradiscurso de Calvino: *corre alguma coisa entre eles, uma troca de olhares como se fossem linhas que ligam uma figura à outra e desenham flechas, estrelas, triângulos, até esgotar num instante todas as combinações possíveis*. Também podemos relacionar ao *rizoma* o comportamento não hierarquizado (como seria no diagrama arborescente), além do trânsito intenso, que remete aos fluxos rizomáticos, descritos nos fundamentos teóricos apresentados sobre esse conceito.

Com exceção dessa cidade, todas as outras do grupo têm o nome iniciado pela letra ‘e’, mesma sonoridade de *Hermes*, o deus grego. No entanto, o nome Cloé traz essa sonoridade na sílaba final, também compartilhando essa relação, que não acreditamos ser mera coincidência na narrativa de Calvino. Comparando esta análise à anterior, podemos dizer que, enquanto em Eufêmia as trocas são materializadas/verbalizadas e atualizadas na memória, em Cloé, apesar da vibração, elas têm espaço apenas no plano mental.

As Cidades e as Trocas 3 – Eutrópia

Ao entrar no território que tem Eutrópia como capital, o viajante não vê uma, mas muitas cidades, todas do mesmo tamanho e não dessemelhantes entre si, espalhadas por um vasto e ondulado planalto. Eutrópia não é apenas uma dessas cidades mas todas juntas; somente uma é habitada, as outras são desertas; e isso se dá por turnos. Explico de que maneira. No dia em que os habitantes de Eutrópia se sentem acometidos pelo tédio e ninguém mais suporta o próprio trabalho, os parentes, a casa e a rua, os débitos, as pessoas que devem cumprimentar ou que os cumprimentam, nesse momento todos os cidadãos decidem deslocar-se para a cidade vizinha que está ali à espera, vazia e como se fosse nova, onde cada um escolherá um outro trabalho, uma outra mulher, verá outras paisagens ao abrir as janelas, passará as noites com outros passatempos amizados impropérios. Assim as suas vidas se renovam de mudança em mudança, através de cidades que pela exposição ou pela pendência ou pelos cursos de água ou pelos ventos apresentam-se com alguma diferença entre si. Uma vez que a sua sociedade é organizada sem grandes diferenças de riqueza ou de autoridade, as passagens de uma função para a outra ocorrem quase sem atritos; a variedade é assegurada pelas múltiplas incumbências, tantas que no espaço de uma vida raramente retornam para um trabalho que já lhes pertenceu.

Deste modo a cidade repete uma vida idêntica deslocando-se para cima e para baixo em seu tabuleiro vazio. Os habitantes voltam a recitar as mesmas cenas com atores diferentes, contam as mesmas anedotas com diferentes combinações de palavras; escancaram as bocas alternadamente com bocejos iguais. Única entre todas as

idades do Império, Eutrópia permanece idêntica a si mesma. Mercúrio, deus dos volúveis, patrono da cidade, cumpriu esse ambíguo milagre. (CALVINO, 1994, p. 62-63).

A análise da narrativa *As Cidades e as Trocas 3*, que fala da cidade de Eutrópia, permite identificar um plano de leitura que a atravessa do início ao fim, o da *coletividade*. A narrativa evidencia o conjunto e minimiza o individual: as várias cidades sob o nome de Eutrópia não estão dentro de nenhuma hierarquia, não são identificáveis entre si, e as figuras usadas para sua descrição demonstram quão ínfimas são as diferenças entre elas. Dessa forma, embora os moradores se desloquem *através de cidades que pela exposição ou pela pendência ou pelos cursos de água ou pelos ventos apresentam-se com alguma diferença entre si*, trata-se de cidades que *são todas do mesmo tamanho e não dessemelhantes entre si*. Em outras palavras: a identidade individual, tanto das cidades quanto dos sujeitos, é reconhecida no discurso, mas apenas para ser negada em seguida: a ênfase recai sobre a *semelhança*, tematizada no discurso. É como se o coletivo (o homogêneo) lançasse uma nuvem sobre o individual (o heterogêneo), em dois planos de leitura.

O movimento das pessoas obedece a uma ordem conjunta: os habitantes da cidade mudam-se, ao mesmo tempo, para a cidade vizinha, estando aí inscrita uma concordância ou ainda uma redundância de pensamentos e comportamentos, indicando a isotopia da *coesão*, que reforça a da *coletividade*, pois apresenta elementos recorrentes ao longo do texto que criam o efeito de sentido de coletivo: *todos os cidadãos decidem deslocar-se, a cidade repete uma vida idêntica*.

Os deslocamentos (espaciais) ocorrem com tranquilidade, justificada na narrativa pela ausência de *grandes diferenças de riqueza ou de autoridade entre as pessoas*, o que alude à estrutura rizomática descrita na análise anterior. A individuação dos discursos dos habitantes restringe-se à forma como se expressam: *eles contam as mesmas anedotas com diferentes combinações de palavras*. Ou seja: o conteúdo desses discursos permanece inalterado; repete-se, independentemente de quem toma a palavra, de forma homogênea.

A princípio, o plano de leitura da *mobilidade* remete à *renovação*: *assim as suas vidas se renovam de mudança em mudança, através de cidades*. Porém, o final da narrativa aponta para uma outra isotopia, que se sobrepõe à primeira: a da *repetição*. Podemos identificar o percurso semântico da homogeneidade, em oposição ao da heterogeneidade, representada pela *renovação*, que, no entanto, é apenas aparente. Assim, o tema da *superficialidade*, figurativizado pelas expressões *bocejos iguais, mesmas cenas, mesmas anedotas e tabuleiro vazio* – esse último numa referência metafórica ao ondulado planalto

onde se localiza(m) a(s) cidade(s) –, mostra que as mudanças por que passam os habitantes não são profundas.

A *renovação*, figurativizada nas mudanças aleatórias de espaço (nível da manifestação), já que a cidade e seus habitantes seguem iguais através do tempo, repetitivos e vazios (nível da imanência), remete à *imobilidade*, como nas análises anteriores. Ou seja, a cidade segue num caminhar coletivizado, de mobilidade aparente, mas que permanece, de fato, “estacionado”, numa não mobilidade ou não evolução que remete à *estagnação*. Como afirma o narrador, *Eutrópia permanece idêntica a si mesma*. Do ponto de vista das modalidades veridictórias⁸, Eutrópia representa, num primeiro momento, a ilusão, a mentira (parece, mas não é) para, no final, desvelar-se como falsa (nem parece, nem é renovação).

A referência ao milagre de Mercúrio, *deus dos volúveis* segundo Calvino, é uma figurativização, explícita nesta análise, que enriquece a conclusão de que em Eutrópia as mudanças de cidade são, ironicamente, concomitantes à imobilidade da identidade coletiva. Uma volubilidade representada pela “impermanência” no espaço, à qual se contrapõe a tradição de comportamentos, ligada à fixidez no tempo.

As Cidades e as Trocas 4 – Ercília

Em Ercília, para estabelecer as ligações que orientam a vida da cidade, os habitantes estendem fios entre as arestas das casas, brancos ou pretos ou cinza ou pretos-e-brancos, de acordo com as relações de parentesco, troca, autoridade, representação. Quando os fios são tantos que não se pode mais atravessar, os habitantes vão embora: as casas são desmontadas; restam apenas os fios e os sustentáculos dos fios. Do costado de um morro, acampados com os móveis de casa, os prófugos de Ercília olham para o enredo de fios estendidos e os postes que se elevam numa planície. Aquela continua a ser a cidade de Ercília, e eles não são nada.

Reconstroem Ercília em outro lugar. Tecem com os fios uma figura semelhante, mas gostariam que fosse mais complicada e ao mesmo tempo mais regular do que a outra. Depois a abandonam e transferem-se juntamente com as casas para ainda mais longe.

Deste modo, viajando-se no território de Ercília, depara-se com as ruínas de cidades abandonadas, sem as muralhas que não duram, sem os ossos dos mortos que rolam com o vento: teias de aranha de relações intrincadas à procura de uma forma. (CALVINO, 1994, p. 72).

A narrativa sobre a cidade de Ercília trata das relações entre os habitantes, figurativizadas por fios sem cor, em escala de cinza, que indicam pequena variedade de relações (*parentesco, troca, autoridade, representação*) que se estabelecem em grande quantidade (*quando os fios são tantos que não se pode mais atravessar*). A abundância de fios, supostamente atribuída ao crescimento do número de relações e à busca por organização, indica o percurso temático-figurativo das *ligações*.

⁸ Barros (1988, p. 56-58) afirma que o fazer interpretativo do destinatário do discurso inclui um “fazer cognitivo que consiste em modalizar um enunciado pelo parecer e pelo ser e em estabelecer a correlação entre os dois planos, da manifestação e da imanência”.

A isotopia da *mobilidade/mudança* (*os habitantes vão embora, as casas são desmontadas*), relativo ao espaço, não reflete a *imobilidade* mental dos habitantes, que tornam a tecer *com os fios uma figura semelhante*, para depois abandonar a cidade novamente. Eles estão ligados à memória, numa realidade que não se renova, o que indica a isotopia da *imobilidade*, em oposição à primeira, e o percurso semântico do *abandono* (*aquela continua a ser cidade de Ercília*). Nesse “movimento estagnado”, ocorre uma renovação apenas aparente, de ordem física, mas não mental. Contrariamente, em Cloé, a *mobilidade* está ligada ao mental e a imobilidade ao *físico*, compondo, apesar disso, o mesmo plano de leitura, o da *imobilidade*.

A figura dos fios e das teias de aranha remetem ao conceito de *rizoma*, na menção às *relações intrincadas à procura de uma forma*. A isotopia do espaço é alinhada à superficialidade das ligações, tema identificado a partir da quantidade em detrimento da qualidade, o que remete ao vazio dos comportamentos e à procura de uma memória perdida. Ligados ao passado (o que é figurativizado pelo preto e branco), os habitantes não conseguem reformular as mudanças (mentais) diante de uma nova ordem, que procuram organizar superficialmente no plano físico. Também nesta análise identificamos os planos de leitura da *coesão* e da *homogeneidade* versus *heterogeneidade*, além da oposição temático-figurativa entre o *físico* e o *mental*.

As cidades e as trocas 5 - Esmeraldina

Em Esmeraldina, cidade aquática, uma rede de canais e uma rede de ruas sobrepõe-se e entrecruza-se. Para ir de um lugar a outro, pode-se sempre escolher entre o percurso terrestre e o de barco: e, como em Esmeraldina a linha mais curta entre dois pontos não é uma reta mas um ziguezague que se ramifica em tortuosas variantes, os caminhos que se abrem para o transeunte não são dois mas muitos, e aumentam ainda mais para quem alterna trajetos de barco e transbordos em terra firme.

Deste modo, os habitantes de Esmeraldina são poupados do tédio de percorrer todos os dias os mesmos caminhos. E não é tudo: a rede de trajetos não é disposta numa única camada; segue um sobe-desce de escadas, bailéus, pontes arqueadas, ruas suspensas. Combinando segmentos dos diversos percursos elevados ou de superfície, os habitantes se dão o divertimento diário de um novo itinerário para ir aos mesmos lugares. Em Esmeraldina, mesmo as vidas mais rotineiras e tranquilas transcorrem sem se repetir.

As maiores constrições estão expostas, como em todos os lugares, as vidas secretas e aventureiras. Os gatos de Esmeraldina, os ladrões, os amantes clandestinos, locomovem-se pelas ruas mais elevadas e descontínuas, saltando de um telhado para o outro, descendo de uma sacada para uma varanda, contornando beirais com passo de equilibrista. Mais abaixo, os ratos correm nas escuras cloacas, um atrás do rabo do outro, juntamente com os conspiradores e os contrabandistas: espreitam através de fossos e esgotos, escapam por interstícios e vielas, arrastam de um esconderijo para o outro cascas de queijo, mercadorias ilícitas e barris de pólvora, atravessam a compacta cidade perfurada pela rede de covas subterrâneas.

Um mapa de Esmeraldina deveria conter, assinalados com tintas de diferentes cores, todos esses trajetos, sólidos ou líquidos, patentes ou escondidos. Mas é difícil fixar no papel os caminhos das andorinhas, que cortam o ar acima dos telhados, perfazem parábolas invisíveis com as asas rígidas, desviam-se para engolir um mosquito,

voltam a subir em espiral rente a um pináculo, sobranceiam todos os pontos da cidade de cada ponto de suas trilhas aéreas. (CALVINO, 1994, p. 83-84).

Em Esmeraldina, a não linearidade das ruas, explicitada no discurso, expõe uma configuração de formas abundantes que enfatiza as múltiplas possibilidades dos habitantes, que contam com muitos caminhos para chegar ao mesmo destino. O enunciado *pode-se sempre escolher entre o percurso terrestre e o de barco* (inclusive com alternância entre um e outro num mesmo deslocamento) e as figuras: *zigzague* que se *ramifica* em *tortuosas variantes* produzem a imagem de um desenho denso, que pode ser associado ao diagrama rizomático, como *transbordo*, que tem o significado de *baldeação*: “troca de meio de transporte e/ou troca de trajeto”, realçando a variedade de vias de locomoção e, ao mesmo tempo, permitindo entrever uma ligação com o nome *As cidades e as trocas* (FERREIRA, 1986).

Como a disposição apresentada ainda aproveita o espaço vertical – a cidade é disposta em camadas, numa *rede de canais* e numa *rede de ruas* que se sobrepõem e se entrecruzam –, aumenta o número de percursos que podem ser escolhidos para se chegar ao destino. Pressupõe-se, portanto, que Esmeraldina possui uma configuração complexa que, reforçada pela figuras que representam os variados itinerários que se estabelecem nas diversas vertentes da isotopia *espacial*, indica o percurso temático-figurativo da *multiplicidade* ou *diversidade*, que está presente em todo o discurso.

O enunciado as maiores constrições estão expostas, como em todos os lugares, as vidas secretas e aventureiras marca o início da figurativização dos espaços das vidas marginais, diferentes das vidas mais rotineiras e tranquilas (cujos trajetos foram descritos), expondo um “outro lado” de Esmeraldina, onde os habitantes transitam por espaços distintos. Nessa parte identificamos a existência de mais dois caminhos que se somam aos já descritos: as ruas mais elevadas e descontínuas e as covas abaixo do solo, que perfuram a cidade, remetendo a túneis intraterrenos. Assim, Esmeraldina é uma cidade composta por redes aquáticas e terrestres (de superfície ou elevados), além dos percursos elevados (mas descontínuos) e da rede de covas subterrâneas.

Ou seja, à multiplicidade de opções “patentes” soma-se uma multiplicidade de opções latentes ou “escondidas”, reforçando o percurso temático-figurativo da diversidade. É como se o discurso desvendasse a outra face da cidade de traçado complexo e não linear, sendo o espaço subterrâneo associado tematicamente ao escuso e figurativamente ao inferno (roubos, traições, conspirações, contrabandos). *Cova*, por sua vez, remete a túmulo, à morte. Os personagens que se movem por esses espaços, que podem ser identificados como os

habitantes responsáveis pelas constrições, são animalizados: os amantes e os ladrões saltam como os *gatos* nos espaços mais altos e descontínuos; os *conspiradores* e os *contrabandistas*, por sua vez, correm junto com os *ratos*, nas *escuras cloacas*. As figuras *clandestinos*, *passo de equilibrista*, *esconderijo*, *barris de pólvora* e *mercadorias ilícitas*, relacionadas a esses atores, estabelecem uma oposição temática no discurso: elas associam-se ao *ilícito*, fazendo com que os habitantes da superfície, por sua vez, remetam ao *lícito* – já que vão diariamente para os *mesmos lugares*, tais como empregados ou funcionários, podendo-se pressupor que trabalham.

Assim, extraímos do discurso não só uma isotopia *espacial* na qual podemos diferenciar os espaços que pertencem a cada ator/personagem⁹, mas também – e sobretudo – um percurso temático-figurativo da *mobilidade*, associado ao percurso da *diversidade*, em que a configuração da cidade contempla os deslocamentos.

A homogeneidade do modo de vida dos habitantes lícitos, que vão aos mesmos lugares, é atravessada pela multiplicidade de percursos ofertados, podendo-se aí identificar a coexistência implícita entre o “unívoco” e o “múltiplo”, como num labirinto de fácil solução, em que todas as diversas opções permitem o acesso a um mesmo ponto de chegada. Essa “incongruência” é reforçada por um discurso repleto de termos duais, que fazem jus a um dos princípios da *Tábua esmeraldina*, que, ao que tudo indica, nomeou a cidade, como veremos mais adiante: “o que está em cima é como o que está embaixo. E o que está embaixo é como o que está em cima”¹⁰. Nesse enunciado, os termos que apresentam os dois lados podem ser associados àqueles que foram extraídos da análise de Esmeraldina, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 1 – Termos duais extraídos da análise de Esmeraldina

Linearidade	complexidade
Sólidos	líquidos
Embaixo	em cima
Rotina	aventura
Patentes	escondidos
Responsabilidade	marginalidade
Unívoco	múltiplo
Mapeável	não mapeável

Fonte: Elaboração própria.

⁹ Esclarecemos que os termos “atores” (mais apropriado ao contexto semiótico) e “personagens” (mais utilizado no contexto literário) estão aqui sendo empregados como sinônimos, tendo em vista a interseção entre os dois contextos no *corpus* em análise.

¹⁰ Disponível em: <http://www.ocultura.org.br/index.php/Hermetismo>. Acesso em: 20 out. 2014.

Essas oposições se aplicam à cidade e aos três atores coletivos que distinguimos no discurso, cada um com o seu espaço correspondente, o que reforça o percurso semântico da mobilidade, associando-o à isotopia da *coesão* (que caracteriza o comportamento homogêneo de cada grupo): os habitantes que seguem para o mesmo destino, aqueles considerados ilícitos e as andorinhas, terceira personagem coletiva, cujo espaço são as trilhas não mapeáveis que cruzam, em movimentos únicos, o céu.

A descrição do quarto espaço, cujos percursos não podem ser traçados, provoca, no leitor, associações plásticas, que também nesta análise podem ser associadas à definição de *rizoma*, com seus fluxos descontínuos: *é difícil fixar no papel os caminhos das andorinhas, que cortam o ar acima dos telhados* (uma linha diagonal), *perfazem parábolas invisíveis com as asas rígidas* (círculos), *desviam-se para engolir um mosquito* (forma em ‘s’), *voltam a subir em espiral rente a um pináculo* (movimento de ascensão circular com diâmetros que se reduzem).

Como em Eutrópia, o discurso ludibria o leitor. A princípio, as figuras *divertimento diário* e *novo itinerário* levam a crer que a mobilidade encontrada nos habitantes da superfície de ruas e canais não é ilusória (como o é em Eutrópia), mas, ao longo da análise, identificamos que as duas cidades assemelham-se: a mobilidade em Esmeraldina, desencadeada pela multiplicidade de percursos (como as trocas e a renovação em Eutrópia), é aparente: está atrelada a um cotidiano (lícito ou não) que não muda, que não se transforma, tematizando, assim, a *estagnação* no percurso semântico da *imobilidade*.

As cinco análises, no seu conjunto, resultam no quadro 2, a seguir:

Quadro 2 – Temas, percursos semânticos e isotopias extraídos das cinco análises

	Temas	Percursos semânticos	Planos de Leitura
Eufêmia	Diversidade vs. repetição Subjetividade Memória	Das viagens Do comércio	Mobilidade Heterogeneidade (memória) vs.homogeneidade (comportamento) Trocas Coesão
Cloé	Rapidez Mental vs. físico	Da superficialidade Do conflito (real, físico) Da luxúria (fantasia, mental)	Mobilidade (mental) vs. imobilidade (física) Heterogeneidade (na aparência) vs. homogeneidade (de comportamentos) Coesão
Eutrópia	Semelhança Superficialidade	Da heterogeneidade (de espaços) vs. homogeneidade (de conteúdo)	Coletividade vs. individualidade Mobilidade vs. imobilidade Renovação vs. estagnação Coesão
Ercília	Memória Superficialidade Mental vs. físico	Das ligações Do abandono	Mobilidade (física) vs. imobilidade (mental) Renovação (física) vs. estagnação

	Temas	Percurso semânticos	Planos de Leitura
			(mental) Heterogeneidade (no espaço) vs. homogeneidade (de comportamentos) Coesão
Esmeraldina	Lícito vs. ilícito Estagnação	Da diversidade Da mobilidade vs. Imobilidade	Heterogeneidade (de coletivos) vs. homogeneidade (de comportamentos no mesmo coletivo) Coesão

Fonte: Elaboração própria.

Já no quadro 3, apresentamos as principais ideias contidas em cada princípio da Tábua esmeraldina, cuja autoria é atribuída a Hermes Trismegisto:

Quadro 3: princípios da Tábua esmeraldina

<p>1° O mentalismo: Todo o universo é simplesmente uma criação mental do Todo, sujeito às leis das coisas criadas e tem sua existência na mente do Todo. Meu mundo é uma criação da minha mente, assim como o seu mundo é uma criação da sua mente. Todas as coisas são vistas da posição relativa de nossas mentes e do que você pensa que vê.</p> <p>2° A correspondência: O princípio de correspondência habilita o homem a raciocinar inteligentemente do conhecido ao desconhecido. Assim como acontece no plano físico, acontece no plano mental e, assim como acontece no plano mental, acontece no plano físico.</p> <p>3° A vibração: Nada está parado, tudo está em movimento, tudo vibra. Aquele que compreende o princípio da vibração alcança o cetro do poder. A saúde tem uma vibração, a doença tem uma vibração, o sucesso tem uma vibração e o fracasso tem uma vibração. Ao mudar a vibração, você muda a manifestação.</p> <p>4° A polaridade: Todas as coisas são duplas, tudo tem o seu oposto, e esses opostos são de natureza idêntica, diferindo apenas no grau. Os extremos se tocam, todas as verdades são meias-verdades, todos os paradoxos podem ser reconciliados. Tudo existe e não existe ao mesmo tempo, há dois lados em tudo, todo verso tem o seu reverso, bem e mal são a mesma coisa, apenas um é menos mal e o outro é menos bem. O conhecimento desse princípio habilitará o discípulo a mudar a própria polaridade.</p> <p>5° O ritmo: Tudo se manifesta num movimento de fluxo e refluxo. Todas as coisas sofrem uma ascensão e uma queda, num ciclo rítmico. Tudo se manifesta por oscilações compensadas, a medida do movimento à direita é a mesma do movimento à esquerda. O ritmo é a compensação. É necessário controlar para que não haja nenhum excesso, pois o princípio do ritmo fará com que esse excesso seja logo compensado por um excesso oposto.</p> <p>6° A causa e efeito: Todo efeito tem uma causa e toda causa tem um efeito. Nada acontece por acaso. O acaso e a coincidência são o resultado de causa não reconhecida.</p> <p>7° A geração: a geração manifesta-se em tudo, estando sempre em ação os princípios masculino e feminino. Isto é certo não só no plano físico, mas também nos planos mental e espiritual. No plano físico, este princípio se manifesta como sexo; nos planos mentais, toma formas superiores, mas é sempre o mesmo princípio. O princípio do gênero opera sempre na direção da geração, regeneração e criação. Geração no plano físico, regeneração no plano mental e criação no plano espiritual.</p>

Fonte: Disponível em: http://carolinatvp.com/textos/biblioteca/01_hermes_trimegisto.htm. Acesso em: 17 jan. 2008. Disponível em: <http://www.ocultura.org.br/index.php/Hermetismo>. Acesso em: 20 out. 2014.

Dos sete princípios de Hermes Trismegisto, a *vibração* é o mais claramente identificado nas narrativas de Calvino, que tematizam explicitamente o movimento por meio dos múltiplos caminhos ou trajetos, de forma muito próxima ao *ritmo* de fluxos e refluxos (como é o caso de trabalho e marginalidade em Esmeraldina, cidade onde a conduta dos habitantes lícitos tem como refluxo a conduta dos habitantes ilícitos). A *polaridade* pode ser articulada à oposição semântica mobilidade vs. imobilidade, homogeneidade vs. heterogeneidade e em todos os termos duais descritos no quadro 1, apresentado anteriormente.

O *mentalismo* aparece nas oposições mental vs. físico, presente na maioria das análises – “como acontece no plano físico, acontece no plano mental; assim como acontece no plano mental, acontece no plano físico” – numa relação que remete às configurações subjetivas dos atores (o mental), que são metaforizadas no discurso pelos espaços de cada um (o físico). O princípio da *correspondência* – “raciocinar inteligentemente do conhecido ao desconhecido” – remete a saber transitar entre o homogêneo e o heterogêneo, o que não ocorre nas narrativas, em que predomina um comportamento coeso e homogêneo.

Ironicamente, Hermes-Mercúrio representa, entre outros, o princípio de *individuação*, justamente o que não é respeitado nas cidades analisadas, nas quais o coletivo (massificado pela ideologia dominante) predomina sobre a possibilidade de singularização e nas quais os sujeitos se resignam. O discurso trata das transformações, distinguindo o espaço físico do mental, e as narrativas sugerem-nos comparações entre o coletivo e o individual, em que a coesão – ou a submissão, em diferentes níveis, ao coletivo – chama a atenção para os silenciamentos relativos à individuação dos sujeitos.

Além de confirmar a relação com os princípios contidos na *Tábua esmeraldina*, as análises permitem-nos constatar o estilo irônico do autor, ilustrado pelas mudanças repentinas de planos de leitura e pelas isotopias em oposição, em que a imobilidade e a homogeneidade, entre outros, contrastam com a mobilidade e a heterogeneidade.

A isotopia do espaço é alinhada à superficialidade das ligações, à quantidade em detrimento da qualidade, o que remete ao vazio dos comportamentos. Ligados ao passado (a memória) os habitantes não conseguem reformular as mudanças (mentais) diante de uma nova ordem, que procuram organizar superficialmente no plano físico.

Os temas, figuras e planos de leitura, que se repetem nas cinco narrativas, também permitem a associação com o conceito de *rizoma*, a partir da abundante figurativização ligada aos trajetos, verificando-se que a obra transita tanto pelo antigo quanto pelo contemporâneo, num diálogo que ironiza comportamentos, lançando mão do mítico para exprimir o contexto contemporâneo. O diagrama em rizoma remete a questões, expostas por Guattari & Rolnik (2005), como a mobilidade de padrões e conceitos que impõe aos sujeitos um constante esforço de assimilação e de reconfiguração, o que implica um trânsito cada vez mais intenso entre o “rizomático” e o “arborescente”, com a necessária plasticidade para se adaptar aos novos diagramas.

Acreditamos que os cinco relatos sobre cidades analisados tecem um panorama crítico sobre as configurações assumidas pelo coletivo. Os significados dos nomes das

idades¹¹ ironicamente têm conotação positiva – como Cloé, que significa *folhagem viçosa*; Eufêmia, *palavra de bom agouro*; Ercília, *divindade da juventude*; Eutrófia: *versátil, ágil*. No entanto, a “imobilidade” dos atores no discurso remete a um coletivo fragmentado a que eles se submetem, mostrando-se, dessa forma, como incapacitados para realizar uma equalização entre a memória e o presente.

Referências

- BARROS, D. L. P. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1988.
- BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- BRANDÃO, J. *Dicionário mítico-etimológico*. Petrópolis, RJ: Vozes, v.1, 1993.
- CALVINO, I. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- FARIA, A. A. M. Interdiscurso e intradiscurso: da teoria à metodologia. In: MENDES, E. A. M. *et al.* (Org.): *O novo milênio: interfaces linguísticas e literárias*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- HÉNAULT, A. *História concisa da semiótica*. São Paulo: Parábola, 2006.
- LARA, G. M. P. *O que dizem da língua os que ensinam a língua: uma análise semiótica do discurso do professor de Português*. Campo Grande, MS: UFMS, 2004.
- LARA, G. M. P.; MATTE, A. C. F. *Ensaio de semiótica: aprendendo com o texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- ORLANDI, E. P. Michel Pêcheux e a análise de discurso. *Estudos da Linguagem*, n. 1 Vitória da Conquista, BA: 2005.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Campinas, SP: Unicamp, 2009.
- SANTIAGO, M. M. L. Aspectos da subjetividade contemporânea na análise de temas, figuras e isotopias do livro *As cidades invisíveis*, de Ítalo Calvino. 2008. 109f. Dissertação (Mestrado em Linguística, Análise do Discurso) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

¹¹ Disponível em: <http://bemzen.uol.com.br/nomes/feminino>. Acesso em: 20 out. 2014.

LARA, G.M.P.; SANTIAGO, M.M.L. O trajeto como espaço na narrativa de Ítalo Calvino. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*. v. 17 n.1 (2012). Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/1054/1955>. Acesso em: 20 out. 2014.

BZ BEMZEN – Estilo de vida. Dicionário dos nomes de A a Z do Bemzen. Nomes de mulheres. Disponível em: <http://bemzen.uol.com.br/nomes/feminino>. Acesso em: 20 out. 2014.

CARVALHO, S.M.S. Comentários antropológicos ao hino homérico a Hermes. Disponível em: <http://www.oocities.org/textossbec/carvalho.doc+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 20 out. 2014.

GATO, D.D.; SILVA, L.A. Alquimia? Ciência ou Seita? *Revista Eletrônica de Ciências*, n. 25, USP, São Carlos, SP, 2004. Disponível em: http://www.cdcc.sc.usp.br/ciencia/artigos/art_25/alquimia.html. Acesso em: 20 out. 2014.

OCULTURA: Maçonaria, rosacruzianismo, gnosticismo, magia e thelema. Hermetismo. Disponível em: <http://www.ocultura.org.br/index.php/Hermetismo>. Acesso em: 20 out. 2014.

TOMÁZIO. C. Hermes Trismegisto. Disponível em: http://carolinatvp.com/textos/biblioteca/01_hermes_trimegisto.htm. Acesso em: 17 jan. 2008.

Calvino's dialogue with Hermes-Mercúrio in Invisible Cities

Abstract: This paper presents the analysis of five narratives from the book *As cidades invisíveis (Invisible Cities)* by Ítalo Calvino. Such narratives, gathered under the subtitle “As cidades e as trocas” (“Cities and exchanges”), describe the cities of *Euphemia*, *Chloe*, *Eutropia*, *Ercília* and *Esmeraldina*. Calvino's book presents eleven subtitles with five narratives each. In the selected group, we identified the presence of mythology, in the figure of the god Mercury, Hermes or Thoth from the Graeco-Roman-Egyptian syncretism, in whom Calvino declared his interest more than once. This reference, which is explicit in *Esmeraldina* and *Eutropia* and implicit in *Euphemia*, *Chloe* and *Ercília*, aroused our interest to investigate how the discourse establishes connections with Mercury, considered, among other things, the god of roads, commerce, communication, transformation, exchange and, as he is called by Calvino himself in *Eutropia*, the “God of the fickle”. Through the examination of themes, figures and isotopies, concepts proposed by French Semiotics (or Greimas' Semiotics) and their articulation with the notion of *interdiscourse*, presented by French Discourse Analysis (AD), we sought to verify the dialogue between literary and mythic discourses. Some principles from the Emerald Tablet – text allegedly attributed to Hermes and that designates one of the cities – helped us to confirm this interdiscursive dialogue that is brought to Calvino's discourse (the intradiscourse) and that is consistent with recurring themes found in this group of narratives. The analysis also enabled associations with the concept of rhizome, proposed by Guattari & Rolnik, in the figure of Calvino's description of lines and shapes. This indicates that the book dialogues with both the old and the contemporary, traveling between the memory and the mobility related to the reconfigurations of values and behaviors.

Keywords: Discourse Analysis. French Semiotics. Literature. Invisible Cities. Hermes Trismegisto.

